



FATOS REAIS?

SÓ QUEM VIVEU ESTA AVENTURA SABERÁ

THE FUKKERS

AMIZADE QUE NÃO SE PERDEU COM A
DISTÂNCIA NEM O TEMPO.

por Anderson Abrantes

The Fukkers

Amizade que não se perdeu com a distância nem o tempo.

Primeira edição – 2018

Escrito por: Anderson Teixeira Abrantes

Revisão: Mônica Paglialonga Leite

Foto da capa – Mesquita, Rio de Janeiro, Imagem Google Maps.

Para meus amigos que me apoiaram e me incentivaram
e escrever esta história.

Índice

Índice	4
Prefácio	6
Apenas crianças.	9
Confusão no pátio da Escola.	11
O grupo se forma.	13
Leva e traz e o espermicida.	15
Comilança.	18
Festas.	20
Mudança radical.	22
Primeiro show de rock.	26
TCM.	28
Coisas estranhas acontecem.	31
Cabo Frio	33
Fim do Ginásio	36
O dia que alguém partiu.	37
Um sonho, uma música, uma surpresa – parte I.	40
Um sonho, uma música, uma surpresa – parte II.	42

Militares.....	44
Amor, desamor, ciúmes, brigas e confusão.....	46
A batata frita.....	48
Músicos?.....	51
Banda Núcleo.....	55
Gangrena do Rock Cachaça.....	60
Vamos tocar sim!.....	64
O fim da banda Núcleo.....	68
Não sei falar inglês.....	70
Adultos responsáveis?.....	73
A despedida.....	75
Agradecimentos.....	76

Prefácio

Década de 50: Os jovens começaram a imitar James Dean e sua juventude transviada. As roupas mais utilizadas eram as jaquetas de couro e calça comprida. Na música os moderninhos dançavam o rock and roll e o twist com seus topetes caídos na testa.

Década de 60: Rebelde ou pacífica, alienada ou politizada, a juventude dos anos 60 deixou suas marcas na história, principalmente pela contestação às normas e valores estabelecidos. O protesto se manifestou das mais diversas formas: na música, nas roupas e nos cabelos extravagantes, na participação política, nos movimentos pela paz e pelo amor, no uso de drogas, na prática do Hippy, o estudantil e Tropicalismo.

Década de 70: Foi a década de uma movimentada cena alternativa, a década da radicalização de experiências comportamentais (não havia AIDS!), a década da contracultura, do underground, dos jornais, revistas, livros e discos independentes. Foi mais uma década de continuações do que de explosões. Uma década de revisões e ampliações, mas não propriamente de invenções. A "Década do Eu", como já foi rotulada. Do desejo de mudar o mundo passou-se à urgência de um encontro consigo mesmo. Para muitos, a década do "vazio cultural"; para outros, anos alucinados e por que não, Divertidos.

Década de 80: A ascensão do pop e o renascimento do rock após o punk contribuíram para

a propagação de visuais e comportamentos que caracterizariam a década de 80. Os cabelos estilo mullet, usados pelos cantores e músicos, e a predominância na moda das cores cítricas e das ombreiras, derivados da estética da new wave, um dos subgêneros do pop-rock oitentista, são exemplos dessas características visuais.

Década de 90 a 2000: Os jovens dos anos 90 e década 2000 são gerados no ventre do capitalismo neoliberal, a partir do início dos anos 90, são as crianças de ontem que viam e viviam a luta dos pais pela sobrevivência. São marcados pela ausência e a falta de. Primeiro, o desemprego em massa que atingiu todos, pobres, classe média. Depois, o esvaziamento de valores humanos, substituídos pelo individualismo exacerbado, pelo consumismo. “Quem pode mais chora menos”.

Os jovens de hoje, segunda década de 2000: São frutos dos 15 anos que a humanidade e o Brasil entraram numa rota de vazio individualista, marcados pela violência e pela criminalidade. As crianças de hoje, adolescentes e jovens daqui a uma ou duas décadas, terão a chance de crescer sob novos valores, de construir e reconstruir sonhos, de ver que a vida não é só mercado, que é inaceitável o aquecimento global e a destruição da natureza, frutos dos desastrosos de uma época sem ética, que só busca o acúmulo e o lucro, despreocupada com o amanhã.

Domingo 13/07/2015, fui assistir um evento onde várias bandas de rock se apresentaram. Uma nova geração do rock e a velha geração se revezaram no

palco. A animação foi empolgante, mas grande parte dos jovens que lá estavam, sequer tinham condições de apreciar os shows. Estavam tão bêbadas ou drogadas que não conseguiam ficar de pé. Paramédicos socorriam os moribundos as dezenas. O lema desta garotada parece obedecer a letra cantada por João Gordo, do Ratos de Porão, "Beber até morrer esta é a solução". Ou talvez para eles sejam beber até morrer esta é a diversão.

O the fukkers surgiu entre as décadas de 80 e 90, fomos a muitos shows de rock, do punk ao pop, do new-wave ao underground e não me lembro de ver cenas como as que presenciei neste dia, não via jovens em decadência, em agressividade, praticamente se auto destruindo.

Não há, neste livro um começo meio e fim, nem uma cronologia seguida, apenas relato os fatos vividos por mim e meus amigos neste período de efervescência de mudanças, onde a diversão era as festinhas Americana, os bailes do TCM, o aparecimento das bandas de rock como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Violeta de Outono, entre tantas.

Apenas crianças.

Anderson o Bono, Charles o Minduin, Nilson o Mingau, Marcelo o Jean, Zé o Heifman. Éramos um grupo de amigos que viveram intensamente a infância e a adolescência. Não sei até hoje como jovens tão diferentes se tornaram tão amigos, amigos que muitos admiravam e outros odiavam. Nunca pensamos em dar nome ao nosso grupo, ele surgiu trinta anos depois de nos conhecermos. Graças a Internet, que nos reuniu pelo FaceBook e depois pelo WhatsApp. As conversas deste grupo variavam de família, filhos, trabalho, política, piadas, provocações e muitas lembranças, muitas lembranças. Agora, como tudo começou? Bem, cada um tem sua história, contarei a minha.

Eu morava na rua Hercília e brincava na rua com outras crianças quando um novo garoto apareceu, nos apresentamos e passamos a brincar juntos quase todos os dias. Jogávamos pião, bola de gude, pega-pega, pique esconde, andávamos de bicicleta pelas ruas do bairro. Descobri que estudávamos na mesma escola, o Raquel Rechuem, mas em séries diferentes, juntos formamos um dos embriões do grupo.

Eu tinha um pequeno aquário e um tanque que criava peixes, neste tanque eu não criava peixes ornamentais, ele era povoado de barrigudinhos, que costumava pegar no córrego que passava peto de casa, na canaleta da via férrea. Quem me acompanhava nestas coletas era o Wagner, um colega de turma. Era difícil, nos córregos havia um barranco escorregadio e muitos ratos, no canal tínhamos que pular o muro da

rede ferroviária, que era alto e de chapisco. Descobrimos que na antiga fábrica de postes havia uma cisterna abandonada, repleta destes peixinhos. Passamos a sair da escola para as ruínas da fábrica. Numa destas pescarias, conheci o Marcelo. No início nos estranhávamos, pois queríamos ocupar o mesmo espaço para pescar e acabávamos brigando por isto. Ele também estudava Raquel, na mesma série, mas em outra turma e em outro prédio.

Confusão no pátio da Escola.

No intervalo das aulas, ia para a cantina comprar um lanche, na fila, na minha frente, estava uma menina linda, de cabelos castanhos claros, pele branca como leite e grandes óculos. Ela comprou um pacote de pipoca e quando se virou para sair do balcão, trombou em mim. O pacote caiu espalhando a pipoca pelo chão. Ela aprontou um escândalo, começou a me gritar: - Seu moleque, olha o que fez. Derrubou tudo no chão. Olhe por onde anda.

Não sei o que deu em mim, mas eu comecei a rir da situação. Outros alunos se aproximavam para ver o que acontecia. Eu segui até o balcão da lanchonete e ao invés de comprar o meu lanche, comprei um pacote de pipoca e dei para ela. Aquela atitude a deixou surpresa e com mais raiva. Ela fez mais escândalo a ainda, disse que não queria aquela pipoca, que não queria nada de mim. Eu então me virei, joguei a pipoca no lixo e fui caminhando para a quadra de esportes, deixando-a só e com mais raiva.

Algum tempo depois eu voltei para o pátio do colégio e a vi reclamando com outra menina. Ela falava tão alto que ecoava pela quadra e pude ouvir: - Aquele moleque feio, magrelo e mal-educado, que derrubou pipoca, para me provocar ainda comprou um pacote e me deu. Eu não quis, sabe o que ele fez? Jogou no lixo. Isso mesmo, jogou no lixo.

Quando passei perto das duas meninas, ela apontou para mim e falou com sua amiga: - Olhe lá, foi aquele moleque que derrubou a minha pipoca. Sua

amiga falou: - Ele é meu primo. Ele não é mal-educado é um doce de garoto, tem certeza que foi ele? Em seguida ela saindo correndo aos berros.

O grupo se forma.

Nos mudamos da rua Hercília para a rua da Vila e lá conheci o Marcondes. Um dia ele me chamou para ir na casa de um colega dele buscar um livro de matemática. Chegando lá uma menina gritou avisando que já iria abrir o portão. Quando ela abriu o portão, adivinhe quem era? Sim, a menina da confusão no pátio da escola. Quando ela me viu, deu um grito, xingou o Marcondes e saiu correndo. Seu amigo veio nos receber no portão, me cumprimentou e se apresentou: - Oi, eu sou o Nilson. Ele nos convidou para entrar. Ficamos conversando por muito tempo, nos ofereceu café e começando assim a nossa amizade.

Passei a frequentar sua casa junto com o Charles, e numa destas visitas, encontramos o Marcelo, eles estudavam para as provas bimestrais, nos sentamos e ficamos estudando juntos. Nilson tinha um outro amigo, o José Constantino ou simplesmente Zé, que vez ou outra aparecia na casa dele para conversar e acabou se unindo ao quarteto. Ele morava no bairro e frequentava nossa escola, mas não estudava lá. Passamos a andar juntos, normalmente saíamos da aula juntos e íamos nos dispersando no caminho. No fim do dia, estávamos juntos novamente, estudando, brincando ou simplesmente conversando.

Com o passar do tempo, novos amigos se juntaram a nós, cada um chegou de uma forma diferente. Paulo Cesar, o PC, era conhecido do Raquel Rechuem e se aproximou mais de nós nos bailes de domingo no TCM. O Licínio e Vitor estudaram com Nilson no Colégio Itú. Licínio era mais presente, pois morava em

Mesquita e também frequentava o TCM. Vitor aparecia nos fins de semana. O Júlio Cesar também se juntava quando estudávamos, no pátio do colégio e no TCM. A Verônica, Sandra, Beth e a Joelma se juntavam no TCM ou nas festas da minha casa ou na casa do PC. A Mônica vez ou outra nos acompanhava em nossas andanças pelo bairro e nas rodas de conversa e debate. Mas eu, Nilson, Marcelo, Charles e Zé estávamos juntos quase todos os dias.

Leva e traz e o espermicida.

A maior parte do grupo morava em Mesquita, na época distrito do município de Nova Iguaçu. Ele era dividido em bairros e cada um de nós morava em um bairro diferente. Eu e Nilson morávamos na Vila Emil, Charles e Zé no Centro e o Marcelo no Jacutinga.

Costumávamos ficar até tarde juntos assistindo filmes, estudando ou apenas conversando na casa de um de nós ou mesmo na calçada da padaria. Marcelo morava mais distante e quando não estávamos em sua casa, nos uníamos para leva-o a pé e depois voltar. O trajeto não era muito seguro e haviam caminhos diferentes até sua casa. Quando o tempo estava bom, sem chuvas, íamos por trás do cemitério, passando pelas ruas Paulo e Josefina. Quando chovia, as ruas viravam um grande lamaçal, então passávamos pela frente do cemitério, mas era mais sujeito à assaltos. Tinha o caminho do Torrão, nosso preferido. O Torrão era uma trilha feita num corte em um morro, que ficava em baixo das torres de alta tensão da Light, dava para passar apenas pedestres, era como um corredor de paredes altas de barro.

Uma vez ficamos até tarde assistindo filme de terror na casa do Charles. Quando fomos levar o Marcelo, seguimos no caminho por trás do cemitério. Passávamos pelos fundos do cemitério, que era cercado por uma cerca de arame farpado, quando um de nós olhou as horas e falou: - Puta que pariu, meia noite. Começamos a rir em saber que estávamos à meia noite nos fundos de um cemitério. De repente, ouvimos um barulho que vinha de dentro do

cemitério, olhamos e percebemos uma movimentação no mato e algumas sombras vindo em nossa direção. Não pensei duas vezes, apenas gritei: - Corre. Saímos em disparada. Corremos um trecho, olhamos para trás e vimos um cachorro saindo do local. Paramos na rua e começamos a rir da situação.

Outro susto ocorreu no caminho do Torrão, passava das dez da noite. Quando nos aproximamos do caminho, vimos um vulto sair do barranco e falar: - Ninguém corre e não gritem. Um homem apontava duas armas para nós. Nos olhamos e ficamos estáticos, ele então continuou: - Sigam pelo caminho na minha frente. Após caminharmos um pouco ele falou: - Agora parem, virem-se de frente para o barranco. Atendemos prontamente. Depois de um tempo, o homem falou: - Sigam em frente, não olhem para trás e andem de cabeça baixa até a igreja da praça. Seguimos como o determinado, menos o Zé, que levantou a cabeça e olhou para trás. O cara viu e deu um tiro para o alto, saímos correndo. Neste dia, dormimos na casa do Marcelo, pois não tínhamos coragem de voltar.

Uma das situações mais cômicas, ocorreu quando assistíamos as sessões de cinema na casa do Marcelo, o único que possuía Vídeo cassete da turma. No intervalo entre os filmes, saímos eu, Nilson e Charles para comprar coca cola. Levamos duas garrafas de um litro, tínhamos entre quinze e dezesseis anos. No botequim duas senhoras e umas outras meninas aguardavam atendimento. Nilson põe as garrafas no balcão e pede a coca cola, Charles faz uma pergunta inusitada: - Vocês sabem que a coca cola é um

excelente anticoncepcional? Olhamos para ele e comentamos: - Como assim? Ele continua: - Depois de você gozar, você pega a coca cola sacode e dá um jato na buceta da garota. A glicose e o gás matam os espermatozoides.

As senhoras e as meninas que estavam no bar nos olharam com uma cara de assustadas com nosso comentário. Pegamos as duas garrafas de coca cola e saímos. Depois que entendemos a situação rimos muito.

Comilança.

Ser adolescente é ser intenso, viver tudo como se o amanhã não fosse mais existir. Tudo ele quer muito, namorar, dançar, correr, conversar, ver, ouvir, ler e comer.

Comecei a trabalhar cedo, aos quatorze anos, trabalhava na Light como menor aprendiz, fui para o SENAI estudar a profissão; eu recebia meio salário mínimo e quatro talões de Ticket Refeição. Eu gastava apenas um talão almoçando no trabalho, os demais, eu gastava com os amigos. Íamos no Mc Donalds de Madureira, pois Nova Iguaçu só havia Bob's. Chegávamos esbanjando, pedíamos cinco Big Mac, cinco Coca Cola, cinco batatas fritas, cinco tortinhas de banana e cinco de maçã e cinco milk shakes.

Além de comermos muito, sempre aprontávamos alguma bagunça. A caixinha do sanduíche era de isopor, após comermos, fechávamos a caixinha, colocávamos em cima da mesa e dávamos um tapa na caixa, todos ao mesmo tempo, ela produzia um estouro que ecoava na lanchonete, chamando a atenção das outras pessoas. E era o que queríamos, chamar a atenção.

Não existia pizzaria delivery como hoje, então quando queríamos comer pizza, íamos a um restaurante e pizzaria em Nova Iguaçu. Sempre exagerados, pedíamos cinco pizzas grande. Vocês têm ideia cinco pizzas grandes para cinco adolescentes? Numa destas farras, o Nilson pediu uma pizza de frango com catupiry, quando o garçom a trouxe, ele

olhou a pizza por um tempo e chamou o garçom. Quando ele chegou, falou: - Amigo tem certeza que esta pizza é de frango? O garçom respondeu: - Sim, é. Nilson retrucou: - Faz o seguinte, traz o frango de novo pois ele passou aqui por cima da pizza e não deixou nem ao menos uma pena, quanto mais a carne. O garçom saiu puto e acabou trazendo frango desfiado para espalhar pela pizza.

Em outra farra, neste mesmo restaurante, cada um pediu um prato diferente. Eu pedi bife à Francesa, porque vinha Petit Pois. Pensei: - Que é petit pois? Vou pedir para ver, com este nome, deve ser coisa chique. Quando os garçons nos serviram, comecei a revirar meu prato procurando pelo tal Petit Pois. Encontrei arroz, batata frita, bife, cebola e ervilha. Pensei: - Cadê a porra do petit pois? Chamei o garçom. O Marcelo falou: Que foi, algum problema? Eu respondi: - Sim, está faltando algo no meu prato. O garçom chegou e fui logo reclamando: - Eu pedi filé à Francesa, o que vocês me trouxeram? O garçom respondeu: - Trouxemos Filé à francesa senhor. Eu falei: - Então cadê o petit pois. O garçom me olhou, apontou para a ervilha e respondeu: - Aqui está o Peti Poá (Petit Pois) senhor.

Paguei um Filé à Francesa para descobrir que Petit Pois e ervilha é a mesma coisa. Pior que isto foi aguentar a encarnação por muito tempo dos amigos. “Aí Bono, vai almoçar lá em casa hoje, terá arroz com Petit Pois, só não esquece que é ervilha”

Festas.

Na década de oitenta era comum as festas americanas, em que cada um levava uma coisa. As meninas levavam as comidas e os meninos as bebidas. Tinham festas do Hawaii, regadas a ponche de vinho barato e frutas de todos os tipos. Tinha as festas na casa do PC, as da minha casa e as da casa do Charles, cada uma tinha sua peculiaridade.

As festas americanas eram boas para uma diversão rápida, a organização era simples. Escolhíamos a casa de alguém, convidávamos alguns amigos e estes poderiam levar mais dois ou três convidados, desde que contribuíssem para a festa. Montávamos um repertório musical para tocar, gravávamos as fitas K7, púnhamos no aparelho de som e pronto.

As festas do Hawaii eram mais elaboradas, escolhíamos a casa onde ocorreria a festa, avaliávamos quanto custaria os enfeites, comidas e bebidas, fazíamos os convites e os vendíamos. Comprávamos as coisas, preparávamos o ambiente e no dia era só diversão.

Na minha casa acontecia de tudo um pouco. Era festa americana, do Hawaii, aniversário de quase todo mundo e as bagunças de última hora, onde os amigos chegavam do nada com comidas e bebidas.

Na casa do PC as festas eram mais arrojadas. Preparávamos a festa por semanas, colegas músicos traziam seus instrumentos e montavam bandas para tocar muito Rock. Eu às vezes tocava em uma ou outra

música, tinha muita gente bonita, boa bebida e muita comida. O melhor de tudo, sempre terminava com todo mundo na piscina.

As festas na casa do Charles era mais um encontro nosso, fazíamos a nossa bagunça particular, umas bebidas, uns petiscos e terminava na piscina, mas lá a piscina era de plástico. Depois de algumas bebidas, nós virávamos ela na varanda, inundando o espaço. Depois ficávamos escorregando de peito, de um lado para o outro.

As festas eram sempre um grande encontro, amigos de escola, conhecidos da rua, do TCM e do bairro. Grupos diferentes, rodas de amigos distintos, de ocasiões diferentes, de escolas diferentes. Apesar da enorme diferença, havia uma sintonia muito grande, nos respeitávamos e nos ajudávamos, os grupos se misturavam para conversar e se divertir. No fim de tudo, éramos um grandioso grupo de colegas com os mesmos sonhos e desejos.

Nunca houve briga, discussão ou bate boca em nossas festas. Discordávamos de ideias, atitudes, música, religião, mas nunca brigávamos. O respeito pela diferença era predominante.

Mudança radical.

A mudança de uma criança para a adolescência é cercada de conflitos, dúvidas e atritos, nossa mudança não foi diferente, cada um de nós passou por este momento de forma diferente.

Na infância não era ligado em música, ouvia qualquer coisa. Minha mãe ouvia muito Roberto Carlos, Júlio Iglesias, Renato e Seus Blue Caps, músicas românticas e muito sertanejo e forró. Ela cortava o cabelo de todos lá em casa e em meados dos anos oitenta, os sertanejos usavam um corte de cabelo que a parte de trás ficava grande, comprido, chamado mullet. Este mesmo corte de cabelo era adotado por alguns músicos de Rock e Pop Rock. Minha mãe passou a cortar meu cabelo deixando o mullet. O problema é que meu cabelo é duro, de fios grossos e embaraçados. Pois foi este corte de cabelo o responsável por minha grande mudança.

Paulo Cesar, o PC, estudava na mesma escola, mas era uma série acima da nossa. Ele andava com outros moleques, o Jorginho Sebinho, o Alessandro Peruquinha e o filho da dona do colégio. Eles se reuniam no pátio para conversar e sempre que eu passava em frente ao grupo PC falava: - Falaê Bono. Eu pensava: - Mas porque este maluco de calças estranhas, cabelos desengonçados e veste camisa diferente está me chamando de Bono?

Um dia passei perto do grupo e quando PC me chamou de Bono eu parei, voltei e perguntei: - Porque me chama de Bono? Porque me chama assim? Eles

deram risada, PC pegou um disco que estava numa sacola e me mostrou. Era um disco do U2, no encarte tinha uma foto da banda. PC disse que me achava parecido com o vocalista e ele se chamava Bono Vox e como não sabia meu nome, me chamava de Bono.

Perguntei o que era o U2, ele falou: - É uma banda de rock irlandesa. Eu disse que desconhecia, ele perguntou se eu tinha toca discos em casa, respondi que sim. Então ele me emprestou o disco.

Ao ouvir as músicas fiquei encantado com o som que tocavam, era diferente do que estava acostumado. Mais simples, mais arrojado, ouvia-se mais o som dos instrumentos do que a voz do vocalista. No dia seguinte entreguei o disco e ele perguntou: - O que você achou? Eu respondi: - Adorei. Ele então me deu a frequência de uma estação de rádio que só tocava este tipo de música, era a Rádio Fluminense FM, a Maldita.

Passei a escutar rock o tempo todo, ouvia de Sex Pistols à U2, passando por Doors, The Cure, Siouxsie and the Banshees, The Smiths. Conheci legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Violeta de Outono, Etiópia, Ira, Titãs. Eram muitas bandas, muitos sons diferentes.

Pedi para minha mãe cortar meu cabelo, raspando as laterais e deixando o meio, estilo moicano. Ela me olhou, e perguntou: - Tem certeza? Respondi: - Manda Bala.

Passei a me envolver mais com a música, passei a entender mais das coisas e me revoltar com coisas que entendia estar erradas, passei a me indispor com minha família, com os amigos, foi neste momento os amigos verdadeiros apareceram.

Falaram que iríamos nos reunir na casa do Heifman, para a bagunça de sempre. Quando cheguei lá, tinha refrigerante, pão com mortadela, mas algo estava estranho, estavam todos calados. Pediram para sentar, pois queriam conversar comigo. Colocaram a música *Have you ever seen the rain*, do Creedence Clearwater Revival. Ouvia música e o Nilson começou a falar: - Este era o Bono que conhecíamos, um pouco de agitação e rebeldia sem agressividade. Depois colocaram a música *Cabeça Dinossauro* do Titãs e o Heifman falou: - Este é o Bono hoje, agitação total, rebeldia e agressividade. Nada contra a rebeldia, mas está se rebelando para as pessoas erradas, está sendo agressivo com seus amigos, com sua família. As pessoas que querem seu bem não merecem isto.

Ouvir aquelas palavras caíram como uma bomba, fiquei parado em silêncio, pensando no que eles me disseram, revendo minhas atitudes. Percebi que eles estavam certos, que eu estava seguindo num caminho que me afastava das pessoas que mais amava. Percebi que precisava mudar, não voltar a ser o Bono de antes, mas um meio termo. Me revoltar e rebelar com quem ou o que realmente mereciam.

Depois disto as coisas mudaram. Não mudei minha forma de me vestir, nem mudar o corte de cabelo, nem de ouvir punk rock, mas este “puxão de

orelha” de meus amigos certamente contribuíram para o que sou hoje.

Primeiro show de rock.

Estava no ponto de ônibus a caminho da escola quando um carro para em frente, um cara põe metade do corpo para fora da janela e grita: - fala Bono, você não vai ao show de cinco anos da Maldita? Eu disse: - Não tinha com quem ir, então estou indo pra escola. Ele grita de novo: - Então vamos conosco. Falei: - Vou, mas deixe eu avisar minha mãe, senão ela pira. Ele falou: - Ok, vamos dar a volta no quarteirão e esperar na sua casa.

Corri de volta para casa, falei com minha mãe, ela deu seus conselhos e parti. No carro estavam: PC, o filho da diretora de nossa escola que dirigia o carro, seu primo que estava no banco ao seu lado, entrei cumprimentei eles e seguimos para Niterói. Seria uma noite inteira de shows.

Depois de uma longa jornada, chegamos. Compramos os ingressos e percebemos que o show havia começado. Corremos para ver quem estava no palco. O som era alucinante, uma guitarra viajante, cheio de efeitos, mas não via o guitarrista, apenas o baixista e o baterista, PC então comenta: - Caralho Vileta de Outono, o cara tá tocando com a guitarra no chão. Aquela visão e som que eles faziam, penetrou na minha cabeça, marcando de vez o que eu passaria a ouvir. Seguiram outras músicas, tão alucinante quanto a primeira que ouvi. As bandas foram se revezando, Etiópia subiu ao palco, uma guitarra cheia de eco e reverb começa a ser tocada, a bateria entra, mas não se ouvia o som do baixo, o vocal era só microfonia, eles abandonam o palco no meio da música.

Depois de um intervalo, entra o Ira! arrebatando com seu rock cru, a guitarra invertida do Edgard Skandurra, o vocal rouco do Nasi, era uma pedrada atrás da outra. Pulávamos, cantávamos, nos divertíamos a cada música. Outra pausa para troca de banda, fomos comprar cervejas, voltamos e uma “peça de teatro” ocorria no palco. Um cara com uma máscara e uma arma simulava um assalto, então um cara vem correndo e derruba o assaltante, eles vão rolando pela lateral do palco e somem. Um grito de mulher ecoa no ginásio e começa a música, Premeditando o Breque se apresenta, suas músicas bem-humoradas nos divertem mais ainda, rimos da letra de Espinha, pois nos identificávamos com ela, e encerram o show com Pinga com Limão.

Um longo intervalo e a atração principal, sobe ao palco, Renato Russo cumprimenta a galera, euforia, gritaria, e começam a cantar as músicas de seu primeiro disco. Renato para e começa a falar algo sobre a música que tocarão, que pode ser proibida pela censura, então dedilhar de Tempo Perdido começa, delírio do público, ao fim do show eles se despedem. Estamos exaustos, era hora de partir de volta para Mesquita, chegamos com o sol raiando, fui deixado na esquina de casa. Meu pai estava se preparando para ir trabalhar, me perguntou como foi o show, só uma palavra resumia a experiência daquele dia: extraordinário.

TCM.

O Tênis Clube de Mesquita foi, em minha opinião, o mais importante integrador da juventude de Mesquita em nossa adolescência. Ele uniu jovens de diversas regiões, de gostos musicais distintos e personalidades diversificadas.

Lembro das matinês que começavam à tarde e terminavam no início da noite e do baile que começava pouco tempo depois e terminavam quase na virada dia.

Nos encontrávamos na entrada do clube e ficávamos parados na bilheteria discutindo quem iria pagar a entrada, quem entraria com as carteirinhas de sócio e quem faria o repasse das carteirinhas para outros entrar de graça. Dentro do clube, parávamos na arquibancada da quadra para ver o movimento e o que rolava de som. As primeiras músicas eram disco ou algo mais techno, que não curtíamos. Depois, dávamos umas voltas no entorno do prédio administrativo, íamos ao bar comprar umas cervejas, que era liberado para menores e nos juntávamos a outros grupos de conhecidos para conversar.

Alguns se dispersavam para ver as meninas ou conversar com outros conhecidos, depois nos juntávamos novamente quando as músicas começavam a nos interessar. Dançávamos um pouco, mas não nos empolgávamos pois sabíamos que na sequência tocaria as músicas lentas, a hora de procurar as meninas para dançar. Eu recebia muitas negativas, mas não desistia. Quando conseguia uma

menina para dançar era como se uma batalha fosse vencida, a maioria das vezes dançava apenas uma ou duas músicas, um agradecimento pela dança e cada um ia para o seu lado. As vezes conseguíamos estender a dança até o fim, conversávamos um pouco, quando um se interessava pelo outro dávamos uns beijos uns amassos e nada mais.

Depois da música lenta era a hora mais aguardada pela turma. O momento POP, Rock, que enlouquecia a todos. Como conhecíamos o DJ, contribuíamos para o repertório. Pedíamos para tocar New Order, Plebe Rude, Inocentes, U2, Depeche Mode, Legião Urbana, Capital Inicial, Camisa de Vênus e outros que agradariam a todos.

Quando terminava a matinê, saíamos exauridos, suados, mas felizes. No caminho a parada obrigatória na sorveteria perto da praça, muitas vezes apenas para conversar com outros colegas e com as meninas. Era só mais um ponto de encontro, para saber o que faríamos à noite. A maioria das vezes a resposta era: Vamos voltar para o TCM. Noutras ficávamos por ali até tarde da noite.

Quando marcávamos o retorno ao TCM, seguíamos para casa, separando os grupos. Eu chegava em casa, tomava um banho, jantava e descansava um pouco, levantava e partia de novo para o TCM. A rotina era a mesma da matinê. No fim do baile, saíamos em um enorme grupo, todos os conhecidos e desconhecidos juntos na avenida a caminho da praça central. Lá os grupos iam se separando e de esquina em esquina diminuindo até

individualizar para o caminho de casa. Eu chegava perto da meia noite, tomava um banho e desmaiava de cansaço.

Quando havia feriado na segunda-feira, juntávamos os amigos na minha casa, mergulhávamos na piscina de plástico, de roupa mesmo, tomávamos umas cervejas, depois todos dormiam em minha casa.

Vez ou outra rolava uma briga no clube, mas nunca envolvendo alguém de nosso grupo, sempre nos divertíamos, era sempre alegria e união.

Coisas estranhas acontecem.

Tivemos um período estranho, não lembro quando, como ou quem começou, mas passei a perceber coisas diferentes no Charles, Zé, Nilson e Marcelo Jean. Livros sobre magia negra e branca passaram a dividir as estantes de livros de ficção científica que tanto gostávamos. As conversas eram normalmente sobre Parapsicologia, OVNIS, ET's e coisas sobrenaturais.

Haviam reuniões que fazíamos um círculo de mãos dadas e eles proclamavam algumas palavras inteligíveis para mim. Não sabia o que acontecia, pois eles não me falavam, apenas pediam para me juntar a eles e ficar em silêncio.

Sou batizado católico, mas nunca segui a religião. Tenho fé e acredito em Deus e isto me basta. Respeito quem segue uma religião que acredita nela, desde que não seja fanático e que não venha me importunar ou querer que eu siga sua religião. Sempre fui cético para essas coisas sobrenaturais, acredito que não estamos só neste mundo, que o universo é grande demais para sermos os únicos seres vivos, mas estas reuniões eram até engraçadas, queria apenas estar junto aos meus amigos e nada mais.

Algumas das reuniões tiveram momentos divertidos, numa delas, disseram que iriam me levitar, pois era o mais leve da turma, aos dezessete anos pesava quarenta e nove quilos. Pediram para que me deitasse, fechasse os olhos e ficasse imóvel. Não sei quanto tempo fiquei daquele jeito, eles de mãos dadas,

olhos fechados e proclamando um monte de palavras indecifráveis. Não saí de onde estava, nem meu peso pena ajudou. Outra vez levaram uma tabua de ouija, colocaram na mesa, rezaram, proclamaram as palavras indecifráveis, pediram para colocar o dedo sobre a seta e, nada. A seta não andava, repetimos o procedimento algumas vezes então a seta começou a girar sem parar em nenhuma letra. Para mim algum deles estava manipulando a seta de sacanagem. Quando andávamos pelas ruas à noite, as luzes que se apagavam e eles diziam: - Nossa áurea é muito forte e causa interferência na iluminação. Para mim, tudo besteira. Como estudava eletrotécnica, sabia tecnicamente os motivos das luzes se apagarem, poderia ser mal contato, o vento, reflexo no foto interruptor, etc. Ou seja, explicações técnicas plausíveis e factíveis, agora áurea forte apagar luz, era demais. Mas levava a história na brincadeira, apenas fingia que acreditava.

O fato mais curioso foi um passeio que fizemos ao clube da Petrobras em Tinguá. Já estávamos no ônibus e a Sheila, irmã do Charles falou que não se sentia bem, reclamava de fortes dores de cabeça. O Zé sentou-se no banco atrás dela, pousou sua mão sobre a cabeça dela e depois de uns cinco minutos ela disse que sua dor de cabeça havia passado. O Zé estava vermelho e ele reclamando de dor de cabeça. Aquilo me assustou.

Esta fase não foi duradoura, nossas responsabilidades individuais cresciam e começamos a nos desligar destas coisas e ver coisas mais reais, namoradas, estudo, trabalho e futuro.

Cabo Frio

Eu tinha uma paquera em Bicas e em nosso último encontro ela disse que passaria o feriado da Semana Santa em Cabo Frio com sua família. Chegando ao Rio, comentei com Heifman e ele com sua notória loucura falou: - Vamos encontrar ela lá. Eu respondi: - Tá doido? Não faço a menor ideia de onde ela vai ficar. Sua resposta foi até lógica: - Se não a encontrarmos, pelo menos conheceremos Cabo Frio.

A cidade ainda era pequena, uma cidade veraneio para os mineiros e surfistas como se falava no Rio. Sem planejamento nenhum fizemos a mochila e fomos. Saímos de Mesquita ainda madrugada para a rodoviária, compramos as passagens de ida, tínhamos apenas o dinheiro das passagens. Chegamos com o dia amanhecendo, no ônibus, muitos surfistas que acabamos fazendo amizade.

Na cidade fomos direto para a praia, começamos a andar pela orla, sem pretensão de achar minha paquera. A fome começava a apertar, e fomos a uma padaria, mas como comprar algo sem dinheiro? Então vejo uma menina de longos cabelos, corpulenta e com sotaque bem característico, era ela. Gritei seu nome, ela se virou e surpresa não acreditava que eu estava ali. Me deu um forte abraço e um longo beijo.

Apresentei Heifman e ela logo emendou: - Ele é alemão? Ele respondeu forçando um sotaque: - No, so de Áustrrrria. Segurei meu riso. Ela então perguntou que fazíamos ali, eu disse: - Viemos tomar café. Ela riu e respondeu: - Não na padaria, mas em Cabo Frio. Eu

ri e respondi: - Viemos lhe achar. Ela então nos convidou para tomarmos café com sua família, prontamente aceitamos. Heifman nada falava, ria algumas vezes, noutras falava coisas desconexas com sotaque forçado.

Na sua casa, seu pai nos cumprimentou, sentamos à mesa para o café. Conversamos um pouco e ele notou o Heifman muito calado e perguntou: - Seu amigo é mudo? Minha colega respondeu por nós: - Ele é da Austrália, fala pouco português. Ele então respondeu: - No Austrrrália, so Austrrrria. Pedi licença e fui ao banheiro para rir.

Depois do café voltamos para a praia, ela não quis vir conosco. Ao sairmos quase nós mijamos de rir. Falei: - Austrrrria Heifman...quase me mije na mesa do café. Fomos para a região dos surfistas e encontramos a turma do ônibus. Ficamos batendo papo e nos divertindo. Eles nos convidaram para almoçar com eles, topamos imediatamente. Havia pelo menos umas trinta pessoas, só molecada, entre quinze e no máximo vinte anos. Era uma casa velha, sentamos na varanda e o almoço foi servido. Depois do almoço começaram a fumar maconha, não era nossa praia e recusamos todas as vezes que nos ofereceram. Um pequeno grupo que também não fumava nos chamou para praia.

Encontramos com minha colega, demos umas voltas conversando e ela delicadamente me dispensou, disse que seu pai não tinha gostado de nós e que pediu para se afastar. Lhe dei um abraço, disse que estava

tudo bem e que qualquer coisa voltaríamos a nos encontrar em Bicas. Nunca mais a encontrei.

A fim do dia chegava e pensávamos em voltar para casa, então uma parte do grupo começou a arrumar as coisas e a se despedir, seguimos eles e fomos para a rodoviária, pegamos o ônibus que era algazarra pura. A festa no ônibus estava animada, até o posto policial. O ônibus foi parado, ouvi um dos surfistas falar: - Fudeu, se me revistarem, fudeu. Outro perguntou: - Joga fora ou põe debaixo do banco.

O policial pediu para todos descerem. Uma revista foi feita em nós e no ônibus. Então um policial, segurando um pacote de papel, pergunta: - De quem é isto? Silêncio, medo, tensão. Uma menina fala: - É meu, são remédios. O policial a entrega, manda entrarmos e seguir viagem. Ouço a conversa: - Que tu fez com a parada? Outro responde: - Coloquei debaixo da poltrona. Mas não está mais aqui. Acho que o policial ficou com o bagulho. O outro comenta: - Pelo menos não pegou a gente.

Descemos na rodoviária, pegamos outro ônibus e fomos para casa.

Fim do Ginásial

Chegamos ao fim da oitava série, o momento de decidir o futuro, o que seremos quando adultos? Ficarei no Raquel e fazer Normal ou Básico? Sair e fazer um técnico? As dúvidas eram muitas, a responsabilidade enorme, compartilhávamos nossas dúvidas e as opções dos caminhos a seguir, mas esta decisão era individual, então não havia interferência.

Cada um decidiu seguir um caminho: Eu fui estudar Eletrotécnica no João Luiz do Nascimento, o Nilson química no Itú, o Marcelo Jean Informática no ABEU, Zé estudava em casa para realizar provas para academia militar, Júlio e PC ficaram no Raquel; O Charles foi estudar no Colégio Martins, uma escola preparatória para academia militar.

Passamos a nos reunir menos, normalmente nos fins de semana, pois cada um tinha suas atividades, responsabilidades. Foi um período de crescimento individual, de conhecer novas pessoas, participar de outros grupos de jovens, de ter novas experiências, iniciar relacionamentos, namoros, paqueras. Foi o momento de descoberta de nosso futuro. Assim nossas vidas caminhavam, até que um acidente mudou de vez nossas vidas.

O dia que alguém partiu.

Primeiro de novembro de mil novecentos e oitenta e oito.

Meu pai me acordou cedo e pediu para ajudá-lo a lavar o caminhão. Zé e Nilson passaram e me chamaram, estavam felizes, pois tinham passado na prova para a academia de Fuzileiros Naval, deu um forte abraço em ambos. Me convidaram para ir na casa de outro colega que também passou na prova e queriam dar a notícia para ele. Eu falei: - Não posso ir, estou ajudando meu pai. Depois vamos nos reunir para comemorar. Eles se despediram e partiram.

Passei a manhã ajudando meu pai, quando cheguei em casa minha mãe disse que o Charles havia ligado. Ele falou que o Zé sofrera um acidente e estava no hospital, falei: - Tudo bem, vou ligar para ele e saber o que se trata. Acreditava que não seria nada grave, ele sempre se metia em confusão. Liguei para o Charles me disse que Zé foi atropelado e que estava no Hospital em Nova Iguaçu, que estaria em cirurgia devido ao acidente. Eu disse que tomaria um banho, passaria em sua casa para irmos ao hospital vê-lo.

Tomei meu banho e quando terminei de me arrumar liguei para o Charles, avisando que estava a caminho, ele apenas falou: - Não precisa mais ter pressa, o Zé morreu. Eu tinha dezessete anos e acabava de perder um dos meus melhores amigos, o Zé, o Heifman.

Era como se o chão desaparecesse sobre meus pés, me sentei no chão da sala chorando, minha mãe e meu pai sentaram-se ao meu lado, chorando também. Me levantei e mesmo assim fui para a casa do Charles, pois queria entender o que aconteceu, como foi o acidente. Chegando lá, a mãe dele me recebeu no portão, chorando, Charles estava sentado na varanda, no lugar que sentávamos para conversar, que fizemos nossas festas e bagunças. Sentei ao seu lado e ficamos muito tempo abraçados, chorando. Perguntei o que tinha acontecido. Ele me disse que o Zé e o Nilson foram na casa do colega para dar a notícia do resultado da prova. A mãe dele disse que ele estava indo para Madureira, mas que se corresse o pegariam no ponto de ônibus. Eles atravessaram a passarela e o Zé o viu no ponto de ônibus, do outro lado da rua. Ele atravessou na frente de um ônibus que estava parado no ponto e um carro que ultrapassava o ônibus o atropelou. Nilson disse que ele voou com a pancada do carro, seu tênis foi parar no telhado de uma das casas, tamanho foi o impacto. Ele foi socorrido e levado ao hospital, entrou em cirurgia, mas não resistiu.

Os detalhes posteriores, não sei até hoje, quem o levou ao hospital, quem acompanhou, a notícia de sua morte no hospital, nada. E sinceramente, não me interessava mais. Perguntei pelo Nilson, Charles me disse que estava sumido desde que deu a notícia. Ninguém sabia onde ele estava. Só nos encontramos no velório.

No dia seguinte fomos enterrá-lo. Eu não acreditava que no dia anterior ele estava feliz, tinha

passado na prova, fazia planos, bradava o orgulho de servir a pátria. Combinamos de comemorar esta conquista, que faríamos a mesma bagunça de sempre. Sempre? Sempre? Nunca mais, não mais com ele. Agora seria apenas lembrança e saudade.

Foi duro, muito duro, foram dias difíceis. Me isolei, não conseguia parar de pensar no Nilson, Charles, Marcelo Jean, Licínio, Vitor, PC, mas não tinha coragem de vê-los, até que um sonho mudou este sentimento de perda.

Um sonho, uma música, uma surpresa – parte I.

Ainda amargava a morte do Zé, era difícil aceitar que as bagunças, os bate papos, as aventuras não teriam mais sua presença. Ainda não conseguia parar de pensar no que ocorrera, na morte estúpida, cansei de xingá-lo: - Filho da puta irresponsável, imbecil, babaca, podia esperar a porra do ônibus sair da frente, podia esperar para dar a notícia para o cara mais tarde. Filho da puta irresponsável, imbecil, babaca. Eu repetia inúmeras vezes.

Para ir de minha casa para a casa do Zé, seguíamos normalmente pela rua Hercília. No caminho tinha uma casa que seu dono tocava música em volume muito alto. Eu tinha uma mania de acordar e ligar o rádio para ouvir música.

Algumas semanas depois da morte do Zé, sonhei que caminhava da minha casa em direção à casa do Zé. Ao chegar em frente à casa que sempre tocava música alta, vi uma pessoa sentada na calçada, era o Zé. Parei olhei para ele e falei: - Filho da puta irresponsável, imbecil, babaca. Porque você não esperou a porra do ônibus sair da frente. Esperava para dar a notícia mais tarde. Filho da puta irresponsável, imbecil, babaca, porque cara, porque? Porque foi morrer? Porque?

Ele deu uma gargalhada e falou: - Já ouvi você repetir isto várias vezes. Sente-se aqui, vamos conversar. Não se revolte. Era a minha hora. Se não fosse daquele jeito seria de outro. Você não deve

remoer rancor, raiva ou ódio de mim nem de ninguém, isto só lhe fará mal. Eu apenas balancei a cabeça afirmativamente.

Ele então ele se levantou e falou: - Está ouvindo esta música? A música tocava na casa em volume altíssimo, que tremiam as janelas. Respondi: - Sim. Ele então falou: - Sempre que a ouvir lembrará de mim. Ele se virou e começou a caminhar pela rua na direção de sua casa enquanto continuei sentado.

Fiquei ouvindo a música vendo-o seguir pela rua, desaparecendo aos poucos.

Um sonho, uma música, uma surpresa – parte II.

“One man come in the name of love, One man come and go, One man come here to justify, One man to overthrow.” *Pride (In The Name Of Love)* – U2.

Enquanto o Zé se distanciava e desaparecia pela rua, ouvia a música que tocava na casa. Permaneci sentado enquanto a ouvia. Quando ela terminou me levantei e continuei caminhando.

O despertador tocou, acordei, sentei na cama e fiquei pensando no sonho que tive. Achei muito estranho, não costumava recordar de meus sonhos. Desci da cama e liguei o rádio como de costume. O rádio estava sempre sintonizado na Maldita, Fluminense FM. A música que começava a tocar naquele momento era *Pride, in the name of love*, do U2. Fiquei estático, sentei no chão do quarto e o sonho começou a passar na minha cabeça, como um filme repetido. Era a música do sonho, a música que Zé dissera que quando a ouvisse, me recordaria dele. Fiquei em transe durante toda audição da música, fiquei estarecido, abobado, tremendo, incrédulo.

Não sigo nenhuma religião, acredito em Deus e que ele guia nossas vidas de alguma maneira, seja por intermédio de nossas ações, através de outras pessoas ou até por sonhos e pensamentos. Neste dia percebi que deveríamos seguir em frente, juntos, precisava ser forte à perda. Agora sabia que ele estava bem, onde quer que estivesse. Sabia que nossa amizade seria eterna e que deveria procurar e cultivar a amizade

com os demais da turma, que a vida precisa ser aproveitada, ela é curta demais, por mais anos que vivamos, ela sempre será curta às nossas expectativas e desejos.

Deste dia a diante a união do grupo foi mais forte, mesmo com nossas responsabilidades individuais aumentando, procurei não guardar rancor ou ódio de fatos ou pessoas, que deveria olhar tudo com outro foco, outras perspectivas.

Não sei como seria se ele ainda estivesse vivo, o que estaria fazendo, sua família, filhos, profissão. Sei apenas que ele ainda está junto de nós, pulando feito louco, com suas danças desengonçadas e sua irresponsabilidade juvenil. Até hoje, quando escuto *Pride, in the name of love* do U2, lembro do sonho e das aventuras do grupo com ele.

Militares.

Nilson entrou para a academia de Fuzileiros Navais, passaria três meses isolado. Neste período nos reuníamos para conversar e imaginar o que ele estaria passando por lá. Imaginávamos ele se ferrando nas mãos dos sargentos e instrutores, comendo um monte de porcarias e fazendo exercícios até cair de cansaço.

Passado o período de isolamento, fomos em bando visita-lo. Só a viagem até Campo Grande era uma aventura. Chegando lá, uma longa caminhada até o centro de treinamento.

Os cadetes estavam formados, após as apresentações eles são liberados. Quase não o reconhecemos, mais magro, careca e todo ralado. Perguntamos se estava bem e ele respondeu: - Porra nenhuma, tô todo fudido, marchamos todo dia, tem exercícios de madrugada, tive que pernoitar num mangue. Mas o resto, estou bem. Rimos juntos e nos abraçamos. Falamos que ficaria bem, que era uma etapa a ser cumprida.

Íamos todos os fins de semana vê-lo, era sempre uma festa, na ida e na volta, aprontávamos no ônibus, aprontávamos com ele no quartel. Ele contava suas histórias de aquartelado. Depois de um longo tempo ele se formou. Assistimos sua formatura e não tivemos como não lembrar que Zé deveria estar ali.

Alguns anos depois foi a vez de Charles entrar para o Colégio Naval, diferente do Nilson, o colégio Naval era mais fechado, mas ele tinha suas saídas

esporádicas então nos reuníamos para conversar sobre a sua estada na escola.

Sua formatura chegou, fui assistir e foi emocionante, lembrar o quanto ele havia se esforçado para este dia, os dias em que deixou de se divertir para estudar, o abandonar a banda, mas tudo valeu a pena.

Agora ele estaria ainda mais distante, iria para a Escola naval, em Angra Dos Reis. Após a formatura, lhe dei um forte abraço, lhe desejei sorte e sucesso e o deixei com sua família. Fomos nos reencontrar muitos meses depois.

Na mesma linha de amigos militares, o Julio Cesar também fez Academia de Fuzileiros Navais e O Edmilton Aprendiz de Marinheiros, a condição era a mesma, meses distantes, atividades e escalas de plantão. Difícil conciliar agenda de todos então, a reunião com todos juntos era quase impossível.

Amor, desamor, ciúmes, brigas e confusão.

Na minha adolescência, perdi a conta das meninas que me apaixonei. A maioria ficou no desejo, o amor era platônico, longe e talvez inalcançável e muitos deles viraram amizade. Tivemos poucas namoradas na adolescência, eram mais paqueras. Não nos preocupávamos com isto, queríamos nos divertir, mas um fato rachou o grupo, mágoas, rancores e ciúmes por um período nos separou.

Nilson era apaixonado pela Sheila, Irmã do Charles, mas foi o PC quem a conquistou. Nilson dizia que não tinha problema, mas percebíamos que não era bem assim. Ele não levava aquele namoro na boa, não criava picuinhas nem aparentava querer separá-los, mas estava sempre a cortejando e ela correspondia aos seus cortejos. Mesmo namorando com PC, trocava uns beijos com o Nilson. As coisas iam bem neste trio até que o PC desconfiou, pressionou Sheila e Charles que negaram, confirmaram as investidas do Nilson à Sheila, mas negaram o relacionamento.

Nos reunimos para a bagunça de sempre na casa do Charles, Sheila e PC estavam conosco, em determinado momento, PC começou a acusar o Nilson de estar se relacionando com Sheila e queria que ele se explicasse. Nilson confirmou seu relacionamento com a Sheila, ela negou, Charles começou a xingar o Nilson de canalha, o PC xingando a Sheila e o Nilson de safados. Foi uma confusão danada. Eu, Licínio e o Marcelo Jean no meio do muro, atônitos aquela

situação. Sabíamos do caso, falávamos que um dia ia dar merda.

Não sabíamos quem defender. Ninguém estava com a razão naquele momento. Sabíamos que o Nilson era apaixonado pela Sheila, mas também entendíamos que ela gostava do PC, que o trio era errado, que ele deveria esperar, pois as coisas se acertariam. Ou ele perderia de vez a Sheila, ou ela e PC poderiam se separar, ou ele poderia encontrar outra paixão. Fato é que o Charles defendeu sua irmã, negando que ela tivera um relacionamento com Nilson, Sheila também negou e Nilson só, afirmava que este relacionamento existiu. O PC achou que eram apenas investidas pesadas do Nilson para separá-los e ele conquistar a Sheila, não havendo assim o romance entre eles.

No fim, ninguém se entendeu, Charles, PC e Sheila pararam de falar com o Nilson, eu, Licínio, Vitor e Marcelo Jean tínhamos que nos dividir nos grupos separados. Foi uma merda, um período muito ruim, era muita mágoa, rancor. Eu me lembrava das palavras do Zé em meu sonho e ficava pensando como apaziguar as inimizades, acalentar o rancor. Pensava na parcela de culpa que tínhamos nesta confusão, porque não interferimos antes.

O namoro de PC e Sheila não durou muito tempo. Charles e PC voltaram aos poucos a falar com o Nilson, mas não era a mesma coisa de antes. Ainda havia muito ressentimento, desconfiança.

A batata frita.

Sempre fomos muito brincalhões e as vezes exagerávamos. Tínhamos personalidades muito distintas, cada um era marcante nas atitudes, roupas, música e até linguajar. Ninguém entendia porque andávamos juntos apesar de tamanha diferença. Eu acredito que era este o motivo de nossa união. As nossas diferenças nos completavam da mesma forma que nos limitava havendo assim equilíbrio individual.

Meus cabelos eram desengonçados, despenteado e cheio de gel, roupas com caveiras, calça jeans rasgadas e coturno. Nilson tinha cabelos normais, usava sempre calça jeans, camisa branca ou preta, sem estampas e um dock-sider completamente podre e rasgado. Marcelo Jean de cabelo impecável, com calça jeans, camisas de botões estampadas ou xadrez e sapatos ou tênis sempre bem limpos. Charles, Licínio e Vítor com cabelos impecáveis, usavam o básico: camisas t-shirt, calça jeans e tênis.

Eu e Nilson éramos os mais extrovertidos, falávamos muito e muito alto enquanto os demais eram mais cometidos, apesar de estar sempre aprontando também.

Quando íamos ao McDonalds, de início chamávamos a atenção pelo tamanho de nossa gula. Comíamos muito, normalmente o pedido básico para cada um era: Big-Mac, refrigerante grande, batata frita grande, milk-shake grande, tortas de maçã e banana.

Apesar da algazarra que fazíamos, normalmente não se importavam conosco, no muito nos olhavam atravessados, mas era só.

Uma vez colocamos o dock-side podre do Nilson na mesa, ao lado dos lanches. Foi como comer um lanche sentindo cheiro de queijo Gorgonzola. As mesas ao nosso lado esvaziaram rápido. Noutra vez alguém falou uma besteira tamanha, eu estava com a boca cheia de milk-shake, não aguentei e acabei cuspidando tudo na mesa. Olhei aquela sujeira, peguei o canudo tomei o que havia se esparramado pela mesa. Fazíamos tudo para chamar a atenção. Mas em uma ocasião a coisa ficou estranha.

Licínio pegou uma batata frita enorme, bem comprida, colocou uma ponta na boca e me mostrou, o Nilson falou: - Quem come a outra ponta da batata? Cheguei perto e fui comendo a outra ponta até dar um selinho no Licínio, foi um remake do desenho A dama e o vagabundo.

Nossa brincadeira chocou os clientes, o burburinho normal na lanchonete acabou, ficou um silêncio que se ouvia o óleo fritar as batatas na cozinha. Olhamos ao redor, todos cochichando, apontando para nós. Olhei para as pessoas e perguntei: - Cometemos algum crime? Ninguém respondeu. Percebi que na cabeça das outras pessoas, cometemos um ato que estava fora de padrões tidos normais. Nossa brincadeira foi vista como uma atitude gay.

Hoje vivemos num mundo mais tolerante, apesar de ainda existir muito preconceito, mas no final da década de oitenta e início dos noventa a situação era um pouco mais complexa, havia pouca tolerância e o preconceito era mais explícito.

Terminamos nosso lanche e saímos pensando sobre o preconceito e principalmente o pré-julgamento que fizeram. Somos amigos, bagunceiros e o que fizemos foi uma brincadeira, mas se não fosse, qual o problema?

Músicos?

No fim da década de oitenta e início dos anos noventa, em Mesquita e Nova Iguaçu, fervilhavam as bandas de rock. A Caos Verve dos irmãos Sandro e André Luz que tocavam punk rock, o Terra Brasilis do Jorge Pato com um rock POP Psicodélico e o Flores de Aço que tocava Heavy Metal eram as que circundavam os pequenos espaços de shows na época. Eu frequentava os ensaios da Caos Verve que aconteciam na garagem da casa dos Irmãos Sandro e André ou na casa do baterista. Nos intervalos dos ensaios, aproveitava para brincar na bateria. Nos shows eu me imaginava naquele cenário musical tocando baixo ou na bateria. O auge das bandas eram as apresentações na festa de Santo Antônio em Nova Iguaçu ou a festa do Patronato. Uma das apresentações mais marcantes do Patronato foi quando tocaram Eu Sou o Rio da banda Black Future, uma das primeiras a misturar rock e samba, e subimos no palco com instrumentos de precursão para apoiar abanda, encerrando a festa do Patronato.

Eu viajava sempre para Bicas, uma cidade do interior de Minas Gerais. No fim do mês de julho ocorre a exposição agropecuária e se apresentam vários artistas e bandas. Uma vez assisti uma banda de rock tocar na exposição, fiquei alucinado, os caras tocaram clássicos como Van Hallen, Led Zeppelin, AC/DC, Pink Floyd. Ouvi aquilo e me imaginei naquele palco tocando com meus amigos.

Quando voltei pra casa, comentei com PC o que imaginara, ele falou: - Demorou, vamos juntar uns

caras e formar a banda. Chamamos o Paulo Vaca para o baixo, o Jorge Patto na guitarra. Eu sabia tocar bateria, mas o PC também era baterista. O PC falou: - Deixe eu no vocal e você assume a bateria. Fechado a banda começamos a montar o repertório.

Seguimos a linha POP rock, passamos a ensaiar as músicas, Sociedade Alternativa do Raul Seixas, Meninos e Meninas e O Reggae do Legião Urbana, P'ros que estão em casa do Hojerizah, Dia eterno do Violeta de Outono, Stairway to Heaven do Led Zeppelin e Revolution do The Cult. Chamamos a banda de Sociedade Alternativa.

Ensaivávamos aos sábados na casa do PC. Passei a ir quinzenalmente para Bicas negociar com o produtor dos shows da exposição. Estava tudo certo, tocaríamos na quinta-feira abrindo o show para uma outra banda que vinha de São Paulo. Faltava menos de um mês para o evento eu fui para Bicas falar com o produtor para os acertos finais e ele me disse que não poderíamos tocar. Houveram alguns problemas e as bandas de rock não se apresentariam naquele ano, mas que veria a possibilidade de tocar no ano seguinte ou em outras exposições da região.

De volta ao Rio, dei a notícia aos demais membros da banda. Eles resolveram encerrar a banda, o propósito era tocar em Bicas, apenas isto. Não havia motivação para continuar a banda, éramos muito diferentes, cada um queria tocar outro tipo de música e cada um tinha seu próprio projeto, sua própria banda.

Percebi que precisava me aperfeiçoar na bateria, eu tocava o básico e olhe lá. Descobri um curso intensivo de bateria no Conservatório de Música. Foram seis meses de curso e neste período fiz algumas participações em algumas bandas. Toquei em banda de Rock Progressivo, Jazz, Música Popular, até forró eu toquei, tudo para aperfeiçoar a musicalidade.

Conversando com Nilson, Charles e Vitor comentei sobre o fim da banda, eles então propuseram montarmos uma. Seria excelente, juntar os amigos com a música. Não desmerecendo ninguém, mas eu acabara de sair de um curso com um dos melhores bateristas do Brasil, realizado no renomado Conservatório de Música. Vitor tocava violão nos fins de semana, mas Nilson e Charles não tocavam nada. Como queríamos apenas diversão, seguimos em frente. Vitor ficaria na guitarra, Charles no baixo, Nilson no vocal e eu na bateria. Decidido o que cada um faria encontramos um segundo problema, não tínhamos nenhum instrumento ou equipamentos.

Charles comprou um baixo Giannini de braço curto, usadíssimo, eu comprei duas guitarras Giannini que encontrei num ferro velho, comprei uma bateria GOPE usada, os amplificadores e o microfone, pedíamos emprestado a alguns amigos de outras bandas. Passado a segunda etapa, vamos tocar, mas tocar o quê? Eles não sabiam nada, então escolhemos uma música muito fácil, Ainda é Cedo do Legião Urbana.

No primeiro ensaio, tocamos a música dois dias seguidos, um sábado e um domingo inteiros tocando a

mesma música. Eu e Vitor já sabíamos a música, Charles pegou rápido, mas o Nilson teve muitas dificuldades. Não acertava o tempo, o ritmo e o tom, achávamos que seria um fiasco total.

Quando estávamos para desistir ele pediu um tempo. Saiu da garagem, deu a volta no quarteirão e voltou. Pediu para passarmos mais uma vez. Ele acertou de uma só vez. Deste dia para frente mais músicas foram inseridas ao repertório, estávamos nos entrosando bem, mas o Vitor saiu da banda. Voltamos à estaca zero.

Estávamos na padaria do bairro conversando quando dois colegas, o Marcelo Caveira e o Jean Banana chegaram. Começamos a conversar sobre música então perguntaram como estava a banda. Falamos que estávamos parados, pois perdemos nosso guitarrista, Caveira falou que também estavam parados, pois a banda deles também tinha acabado. Propomos nos juntar, mas o Jean Banana era baixista, assim como Charles. Para nossa surpresa Jean Banana disse que era guitarrista e só estava tocando baixo pois não conseguiram um baixista para a banda.

Assim remontamos a banda Núcleo, agora com 2 guitarristas. Para nossa surpresa, no primeiro ensaio, a interação e sintonia foi tanta que de quatro músicas que tocávamos passamos para oito. Parecia que já tocávamos juntos a muito tempo.

Banda Núcleo.

Ensaivamos na varanda da casa do Charles, a casa dele ficava nos fundos de um grande terreno, ela ia de uma ponta a outra na transversal do terreno.

Não tínhamos feito nenhum show, eram ensaios quase infinitos, nos divertíamos tanto que perdíamos a hora, as vezes ensaiávamos o dia inteiro sem perceber.

Num dos ensaios, vimos umas meninas no portão, sinalizando para nós. Charles acenou para elas entrarem. Terminamos a música e paramos para conversar. Elas nos falaram de um festival de bandas em Belford Roxo e nos convidaram para participar. O regulamento previa que tocaríamos cinco músicas, mas uma teria que ser composição própria. Toda a estrutura seria cedida pela organização, assim precisaríamos apenas dos instrumentos. Seriam duas etapas eliminatórias na praça principal de Belford Roxo e a final na quadra da faculdade ABEU.

Após a saída das meninas, comentamos que teríamos três semanas para compor e ensaiar uma música própria e escolher as demais músicas. Caveira apareceu com um esboço de uma música, letra simples, ritmo simples que se trabalhado poderia impressionar. Perguntamos porque ele não tinha nos mostrado antes. Ele respondeu: - Esqueci que tinha ela.

Passamos o restante do dia compondo a melodia e decidindo quais músicas tocaríamos no festival. Os

ensaios seguintes foram dedicados às cinco músicas da apresentação. Queríamos a perfeição.

No dia da primeira etapa, estávamos nervosos, seria a primeira apresentação da banda, nosso primeiro show. Chegamos na praça, o público era pequeno, o sol se punha e ainda finalizavam a montagem dos equipamentos de palco.

Com uma hora de atraso a primeira banda subiu ao palco, seriam oito bandas para tocar naquele dia, nós seríamos a sexta. Assistimos com atenção as outras bandas, a performance no palco, as músicas e os integrantes, muitos deles nossos conhecidos. O organizador nos chamou e avisou: - Vocês serão os próximos. O coração bateu forte, seguimos para trás do palco e nos preparamos. Nos chamaram e subimos no palco. Não tinha percebido, mas a praça estava lotada. Caveira começou os primeiros acordes e fizemos o nosso melhor, foi emocionante.

Dezesseis bandas se apresentariam naquele palco em dois dias. Apenas oito seriam selecionadas para a próxima fase. Não tínhamos esperança de passar, pois haviam bandas que tocavam a muito mais tempo que nós, bandas com equipamentos importados e nós com equipamentos achados no ferro velho ou comprados de segunda mão. Para nosso espanto e surpresa, ficamos em sexto lugar e passamos para a próxima fase.

O organizador veio conversar conosco, avisando sobre a próxima fase. Disse que precisaríamos chegar cedo para passagem de som e ajustes necessários.

No dia da final, chegamos no horário combinado, encontramos os músicos de outras bandas. Subimos no palco, a quadra estava vazia e o som ecoava. Eu falei com os amigos: - Será que vai encher? Será como na praça? Após a passagem de som, o organizador nos reuniu no camarim e sorteou a ordem de apresentação, seríamos a terceira banda a tocar, em seguida nos liberou e disse o horário que deveríamos retornar para as apresentações.

Chegamos por trás da quadra e fomos levados ao camarim. A primeira banda sobe, faz sua apresentação, ouvimos aplausos, gritaria, euforia. A segunda banda sobe, foram perfeitos, mais gritaria, mais euforia. Uma pessoa nos avisa: - Vocês são os próximos. Subimos no palco, havia uma luz forte que me impedia de ver a quadra e o público. Preparei a bateria, pus os pratos, a caixa, o pedal, ajeito o banco, sento e espero. Olhei para os amigos, a concentração deles era tamanha que não perceberam a entrada do apresentador. Ele pega o microfone e fala: - Na Guitarra solo, Caveira, Guitarra base, Jean, Baixo, Charles, na bateria Bono e no Vocal Nilson. Com vocês a Banda Núcleo. Caveira começa a dedilhar os acordes de Knock on Heavens Door, na versão do Guns and Roses. O público delira, grita. As luzes se apagam, então vejo a quadra e não acreditei naquilo. Ela estava lotada, havia gente em todos os lugares, não havia espaço.

Fiquei nervoso e acabei acelerando o compasso da música. O que seria Knock on Heavens Door, virou Hard on Heavens Door. O Caveira começa a gritar: - Devagar porra, não vou conseguir solar com a música

nesta velocidade. O Jean chega perto e me dá um chute, eu desperto da emoção e numa virada na bateria acerto o compasso. O Caveira grita: - Agora sim, vamos lá, vamos arrebentar esta porra.

Tocamos nossa sequência: Boys don't cry, Dia Eterno, O Amanhã e fechamos com Polícia dos Titãs. O público delirou, pulou, dançou, subiram no palco e se jogaram. Foi emocionante.

Ganhar o festival não era nossa meta, ver aquela demonstração de satisfação do público, os aplausos, foram mais que suficientes. As demais bandas se apresentaram, todas impecáveis. Após a apresentação da última banda, o apresentador fala: - Os jurados avaliarão as bandas e dando suas notas.

O apresentador retorna ao palco e lê um cartão, em seguida anuncia a classificação das bandas em ordem decrescente. Não fomos anunciados na oitava, nem na sétima, nem na sexta, nem na quinta. Estávamos ansiosos e surpresos. Então ele fala: - Em quarto lugar. Eu suava, esperava ele nos anunciar. Ele anuncia a outra banda. Ele continua: - Em terceiro lugar. Banda Núcleo. Pulamos de alegria, subimos ao palco orgulhosos, felizes e incrédulos. Terceiro lugar, tínhamos apenas três meses juntos, uma música composta às pressas, arranjada sem experiência, foi surpreendente.

Para um grupo de amigos que não sabiam tocar nenhum instrumento, depois de três meses participar de um festival com dezesseis bandas, algumas com

mais de cinco anos juntas e tirar o terceiro lugar. Foi bom demais.

Depois deste festival, fizemos vários shows. Inferninhos, botecos, festas de aniversário, tocamos na rua, na carroceria de caminhão, em laje, qualquer lugar era nosso palco. Queríamos apenas tocar, mostrar nosso som.

Dos vários shows que fizemos, alguns foram mais marcantes. Um deles foi uma improvisação proposta pela Caos Verve com PC na bateria. Esticamos um pedaço de carpete velho na calçada, na esquina de um bar chamado Bali Bali, no Baixo Iguaçu. Puxamos uma extensão da tomada, montamos o palco improvisado e começamos a tocar. Em poucos minutos a esquina lotou, o trânsito parou. Nilson cantava igual a um alucinado, Caveira dançava, pulava, Charles sorria. No fim da apresentação, um cara chega perto e nos cumprimenta e elogia. Era o baixista da banda Cidade Negra.

Éramos conhecidos na região, nos paravam, cumprimentavam, comentavam dos shows e perguntavam quando seriam os próximos. Conseguimos melhorar nossos instrumentos, novas guitarras, baixo, bateria, pratos, amplificadores, mesa de som. Estávamos crescendo além do que imaginávamos, mas para nós, ainda era apenas diversão.

Gangrena do Rock Cachaça.

Ensaíamos como de praxe quando o Grupo Jovem da Igreja nos procurou, eles realizariam uma festa dos anos 60 para angariar fundos para a igreja e a comunidade. Perguntaram se conhecíamos alguma banda que tocasse este tipo de música. Falamos que não conhecíamos. Após o ensaio, conversamos sobre tocar na festa, debatemos os prós e contras. Teríamos que parar nosso repertório e nos preparar para este evento. Pensamos que tipo de música apresentaríamos, algo mais dançante? Algo mais romântico? Jovem guarda? Montamos uma seleção de músicas com Beatles, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Celly Campelo entre outros.

Como seria um evento único, chamamos o Edmilton para ser uma segunda voz e começamos a ensaiar. O grupo jovem ficou contente por aceitarmos tocar no evento e disseram que convidaram outras bandas e algumas aceitaram. Uma das bandas era formada pelo Clenilson, Erasmo, Nero e o Alex Feijão. A segunda banda seria a Caos Verve do André, Sandro, Paulo Vaca e PC. Falamos que não haveria problemas, conversaríamos com eles para não haver duplicidade no repertório e que combinaríamos a ordem da apresentação.

Os ensaios eram muito animados, Edmilton fazia maior bagunça junto com Caveira, as músicas animadas, chamavam a atenção de quem passava pela rua, muitos paravam em frente ao portão para nos ver, ouvir e dançar.

Repertório pronto e ensaiado, propomos fazer um show piloto para ver como nos sairíamos no palco. Propomos ao dono do estúdio, onde às vezes ensaiávamos em tocar em seu bar. Ele topou a ideia e ficou de divulgar o show, mas nos perguntou o nome da banda. Nós dissemos Banda Núcleo, ele falou: - Cara, mudem o nome, se é uma apresentação com um repertório diferente do que vocês normalmente tocam, recomendo outro nome. Falamos que pensaríamos num nome e informariamos.

Naquele dia, conversávamos com o Paulo Vaca, sobre música e ele nos disse que tinha assistido o show de uma banda muito louca chamada Gangrena Gasosa. Demos boas risadas do nome e das loucuras que os caras faziam no palco. Paulo perguntou como andava nosso repertório para a festa dos anos sessenta. Dissemos que ia bem, tudo ensaiado e que faríamos um show de teste. Falamos que o dono do estúdio sugeriu um novo nome para a banda. Ele nos disse que a banda deles teria um outro nome para aquele evento.

Falamos que buscávamos um nome para nós também, mas queríamos algo engraçado e ele falou: - Pô, vocês quase se mijaram de rir do Gangrena Gasosa, porque não se chamam Gangrena do Rock Cachaça? Demos muitas risadas pela situação inusitada e a brincadeira com o nome da outra banda. Então o nome surgiu de uma conversa de mesa de bar sobre o nome de uma banda com uma garrafa de pinga que tomávamos comendo linguiça.

Fizemos nossa apresentação no barzinho do dono do estúdio, o público pequeno, mas muito receptivo. Foi interessante, pediam algumas músicas que não estavam em nosso repertório, nos dando ideias boas para acrescentarmos. Uma das mais pedidas, foi Biquíni de Bolinha Amarelinho, de Celly Campelo e É proibido Fumar, do Roberto Carlos. Incluímos estas músicas em nosso repertório, a voz principal ficou à cargo do Edmilton que ficou engraçadíssima.

No dia do Show, preparamos um figurino anos sessenta, gel no cabelo, calça jeans, camisa branca. Entramos juntos no galpão, parecíamos uma gangue. A primeira banda tocava e nos apresentou: - E neste momento adentra no recinto os membros da gangue Gangrena do Rock Cachaça, que em breve subirá ao palco para seu show. O público aplaudiu, entramos sérios, cara fechada, nos sentamos ao fundo do galpão, próximo ao palco.

Terminado o show da primeira banda, subimos no palco, montamos os instrumentos e iniciamos a primeira parte de nossa apresentação, todos dançavam, cantavam, aplaudiam, foi uma nova experiência, muito diferente de nossos shows da Banda Núcleo, normalmente haviam apenas aplausos, alguns assobios e as apresentações eram para a garotada com média de nossa idade. Neste show, todos cantavam e dançavam, idosos, jovens, crianças, foi muito bom. Terminamos nossa apresentação e a Caos Verve se apresentou fechando a festa.

Durante semanas nas rodinhas de conversa no bairro só se falava na festa, nas apresentações das bandas, na animação e felicidade daquela noite.

Vamos tocar sim!

Saíamos para procurar shows para a banda Núcleo, mas só queriam o Gangrena do Rock Cachaça, falamos que a banda foi criada apenas para o show da igreja, mas não adiantava.

Nos contratavam para tocar em casamentos, aniversários, bares e festas de todo tipo. Insistíamos que a banda Gangrena do Rock Cachaça não ensaiava mais, que nossa banda era a Núcleo, então ouvíamos que queriam algo diferente, que a banda Núcleo toca o que as bandas da região estão tocando. Aceitamos alguns shows apenas para não perder as oportunidades e ver outras portas se abrirem. Depois de um tempo, “matamos” a Gangrena de vez e assumir que a banda Núcleo era oficial.

Um ano após a primeira festa da igreja, o grupo jovem resolveu fazer uma segunda edição e nos convidaram. Primeiro negamos o pedido, mas depois de muita insistência, aceitamos tocar. Lembramos que foi muito divertido e animado.

A banda sofreu algumas mudanças, pois Charles estava se dedicando aos estudos, Caveira pediu para sair da banda sem dar explicações. Chamamos o Erasmo para tocar Baixo, o Feijão para a guitarra solo e o Clenilson para os vocais junto com o Nilson. Ampliamos nosso repertório, pois seria apenas nossa banda, colocamos mais peso às músicas e aceleramos um pouco o compasso, tornando-as mais dançantes.

Faltava uma semana para a festa quando um dos líderes do grupo jovem veio nos procurar. Ele falou que houve um racha no grupo e que a outra parte contratou uma outra banda. Ela se apresentava todas as quartas-feiras no galpão tocando música de salão. Edmilton chegou próximo a ele e falou: - Deixe ver se entendi. Passamos dois meses ensaiando música dos anos sessenta para tocar na festa de vocês, de graça, e vocês a uma semana da festa vem nos comunicar que não tocaremos, pois pagarão para um bando de velhos tocar na festa do grupo jovem. É isso mesmo?

O cara tremia e disse que ficou sabendo no dia anterior e que não tinha como voltar atrás pois já tinham pago a banda. A situação só piorou para o lado dele.

Nilson falou: - Você falará que conversou conosco, que ficou tudo certo, porém, nós apareceremos lá para tocar. Ele sorriu e perguntou: - O que vocês vão fazer? Nilson falou: - É só o que você precisa saber. Edmilton completou: - Agora vaza. Quando ele saiu, começamos a planejar nossa apresentação.

No dia do show, ficamos escondidos no meu carro, ouvindo a banda tocar e vendo o fluxo da festa. Estava muito diferente, parecia uma festa de dança de salão, apenas os idosos dançavam, músicas tocadas em ritmo lento. A maior parte das pessoas permanecia sentada, apenas conversando.

Então entramos no salão, assim como no ano anterior, estávamos juntos, caras fechadas, olhando firmes a banda no palco. Parecíamos gângsteres. O

público delirou e gritavam o nome da banda: - Gangrena, Gangrena, Gangrena. Paramos em frente ao palco por alguns segundos, olhamos os músicos da outra banda com ar de intimidação, seguimos para a lateral do palco.

Quando eles pararam para o intervalo subimos no palco, eles tentaram nos impedir, Edmilton falou: - Vaza. Nós fomos convidados a tocar e tocaremos. O líder do grupo jovem que nos convidou, chegou e falou com um dos caras da banda e eles deixaram o palco.

Montamos nossos instrumentos, nos posicionados de frente para o público, firmes, eu fiquei de pé na bateria. Olhávamos o público, o salão estava em silêncio, todos estavam de pé. Eu me sentei e comecei a tocar, uma virada na bateria, batidas fortes e cadenciadas, o Edmilton fala: - Na bateria Anderson o Bono. Na sequência Erasmo desfila um solo de baixo e Nilson Fala: - No baixo Erasmo Carlos, Jean começa seus riffs de guitarra, Edmilton apresenta: - Na guitarra Jean o Banana, Alex segue na sequência solando sua guitarra e Nilson fala: - Nos solos Alex o Feijão, Edmilton aponta pro Nilson e fala: - Nilson o Mingau, Clenilson e eu, Edmilton nos vocais. Ninguém mais estava sentado, todos dançavam, pulavam, se divertiam, emendamos uma música na outra, sem pausa.

Toda hora alguém da outra banda perguntava quando terminaríamos, fingíamos não ouvir, nossa meta era tocar nosso repertório inteiro, sem intervalo, sem pausa entre as músicas, seriam duas horas, deixando eles sem espaço para tocar novamente.

De repente o som some, vemos os amplificadores desligados, os caras da outra banda nos cercam e falam: - Acabou para vocês, por favor desçam. O público começou a vaiar, mas as vaias não eram para nós, mas para a atitude da outra banda. Nos olhamos, sorrimos eu falei: - Viemos e mostramos o que sabemos fazer. Estou feliz do que fizemos, não precisamos mais disto, o público gostou de nosso show, vamos embora.

Descemos do palco ouvindo aplausos, saímos do galpão, abraçados, juntos, alegres, agradecendo o público, aplaudindo junto com eles que gritavam: - Gangrena, Gangrena.

Guardávamos nossos instrumentos no meu carro quando ouvimos um barulho. Ao olharmos o galpão ele estava às escuras, vejo meu irmão pulando o muro ao lado do galpão, ele vem correndo em nossa direção gritando: - Vamos embora, acabei de desligar o disjuntor geral do galpão. Se vocês não vão tocar, ninguém mais vai tocar, eu acabei com a festa.

Olhamos o portão do galpão e vimos as pessoas correndo em nossa direção gritando: - Pega, Pega. Saímos correndo pela rua, parecia cena de cinema. Foi muito engraçado e ao mesmo tempo apavorante, mas conseguimos escapar.

Depois deste evento, decidimos enterrar a banda Gangrena do Rock Cachaça, seu túmulo está até hoje na rua em frente ao galpão da Igreja. Agora seríamos apenas a banda Núcleo.

O fim da banda Núcleo.

Tínhamos um bom repertório, algumas composições próprias e um conjunto de covers razoável. Nossa identidade musical estava definida. Agora éramos a banda Núcleo, que tocava pop rock com tendências psicodélicas setentistas. Mas os espaços para apresentação eram poucos e algumas abriam as portas para bandas novas e alternativas, mas preferiam o hard core, heavy metal, punk rock, dark rock. Havia o Canil em Mesquita, o Garage no centro do Rio, o Caldeirão em Duque de Caxias e um ou outro antro sujo e podre que abriam as portas. Fazíamos shows em churrascarias, bares e algumas festas.

Nunca ganhamos um tostão em nossos shows não era nosso desejo viver da música, fazer sucesso, cantar no Chacrinha ou no Perdidos na Noite. A música era nossa diversão, nosso meio de nos unir, conversar, pensar juntos, apresentar nossa música para aqueles que realmente curtiam.

Infelizmente, as coisas começaram a esfriar, mesmo com toda empolgação e prazer pela música, ensaiávamos cada vez menos, nossas agendas pessoais não encaixavam com a agenda da banda e então começaram as baixas.

O primeiro a sair foi Marcelo Caveira para se dedicar ao seu trabalho, sendo substituído pelo Alex Feijão, depois o Charles saiu para se dedicar aos estudos no Colégio Naval, o Paulo Vaca o substituiu

por um tempo, depois Jean pediu baixa, viramos um quarteto.

Não era mais a mesma coisa, o Feijão tinha uma excelente desenvoltura, tinha ótimas ideias, corria atrás de shows e espaços para tocar, o Paulo Vaca destruía o baixo, ele era uma referência em Mesquita, mas faltava algo. A verdadeira essência da formação original, era mais que sermos excelentes músicos, era a amizade, a união.

Então, após quatro anos de muita diversão, shows, ensaios, bagunças, de conhecermos muita gente interessante, outras muito doidas, encerramos a banda Núcleo. Clenilson, Erasmo, Nero e Feijão, formaram uma nova banda e me convidaram para tocar bateria, iniciando então a banda Fogo Fátuo.

Não sei falar inglês.

O avanço da tecnologia permitiu que a qualquer hora, de qualquer lugar, quase que instantaneamente, conseguimos falar com alguém de qualquer lugar do mundo. Telefone, WhatsApp, Skype, Facebook, Twiter, e-mail e tantas outras tecnologias. Antes da segunda metade dos anos noventa a tecnologia acessível para nos comunicar era basicamente o telefone e as cartas.

O Isaac era um colega da turma, professor de inglês que nos auxiliava com as dificuldades na escola. Marcelo Jean era o único que fazia cursinho inglês. Na sua escola tinha um mural de intercâmbio postal, pessoas de várias partes do mundo que conversavam por cartas. Ele começou a escrever para uma Inglesa, a Daiane. Um belo dia comunicou que viria ao Brasil. Imagina a situação: Uma Inglesa na Baixada Fluminense, com um bando de suburbanos doidos de pedra e principalmente duros.

Nesta época quem andava de avião era rico, o máximo que conseguirmos dos aviões era vê-los no museu aeroespacial ou ir para perto do aeroporto ver os pousos e decolagens. Pessoas de outros países frequentavam a zona Sul, Ipanema, Leblon, Flamengo, Copacabana. Vinham normalmente para o carnaval e no verão, curtir as praias do Rio de Janeiro. Baixada Fluminense não existia no mapa de turismo.

Nós a imaginávamos uma pessoa rica, de costumes finos. Em meus pensamentos seria um choque de

classe e cultura. Quando ela chegou, se mostrou mais doida que nós e uma pessoa muito simples.

Esperamos ela no setor de desembarque do Aeroporto do Galeão, segurávamos uma folha de papel com seu nome escrito. Quando ela nos viu, começou a acenar e rir. Eu tremia igual bambu em dia de ventania, sabia de pouco a quase nada de inglês, era o verbo to be, uma ou outra palavra e algumas frases curtas, retiradas dos livros da escola. Ela vestia um conjunto preto de lã, afinal era inverno em Londres, porém no Rio de Janeiro era verão e naquele dia, fazia nada mais nada menos que quarenta e dois graus. O vento que soprava, queimava de tão quente que estava.

Eu falei apenas um hello e um welcome, bem discretos, quase sumindo em minha vergonha. Olhei para ela e pedi ao Marcelo Jean sugerir que ela trocasse de roupa, pois ela derreteria de calor. Entendi ela dizer algo que seria, No thanks.

Seguimos para a garagem do aeroporto e quando a porta do elevador abriu no subsolo, um bafo dos infernos entrou, ela parou, arregalou os olhos e pediu para voltarmos. Ela foi ao banheiro e se trocou, colocando uma bermuda e uma camisa. Descemos novamente e fomos para o carro. Eu tinha uma Brasília setenta e sete, bege. Ela olhou e achou o carro estranho.

Seguíamos para a Mesquita e no meio da Avenida Brasil o Marcelo Jean comentou que ela perguntou se o carro tinha ar condicionado, eu falei que sim.

Marcelo Jean me olhou com cara de espanto. Parei o carro no recuo, abri o porta malas, voltei e seguimos, ela ficou sem entender o que estava acontecendo, então eu falei: - Estamos condicionando a entrar mais ar no carro. O ar é condicionado a entrar no carro, entendeu? O Marcelo Jean quase se mijou de rir e repassou para ela, que caiu na gargalhada também. Parei o carro novamente, fechei o porta malas e seguimos.

Durante sua estada, fizemos um tour com ela pelo Rio. Corcovado, Pão de Açúcar, Praias, Copacabana, Ipanema. Levamos ela na feira. Ela ficou encantada com algumas frutas, provou manga, goiaba, mas uma jaca atiçou sua curiosidade. Ela odiou o cheiro. Quando falamos que a jaca era uma fruta de árvore, ela perguntou se esta fruta cairia sozinha da árvore, nós dissemos sim e se cair em alguém machuca. Ela ficou espantada, mais ainda quando dissemos que haviam muitas árvores desta fruta nas ruas de nosso bairro. Compramos um pedaço e demos para ela comer. Ela adorou, mas só conseguia comer tampando o nariz.

Foram quinze dias muito divertidos, para ela e para nós. Foi uma troca de conhecimento e de cultura, muito bom.

Adultos responsáveis?

O tempo não para e assim como todos, nós crescemos, envelhecemos, as responsabilidades aumentaram, vieram a família e trabalho.

Charles, desde o início de nossa amizade, falava que seguiria carreira militar. Estudou muito, passou para o Colégio Naval, se formou e foi para a Escola Naval. Ele foi o primeiro a se distanciar do grupo. Devido a dedicação necessária aos seus estudos, a distância de sua escola e o fato de permanecer em internato por longos períodos. Hoje serve a Marinha do Brasil, trabalhando em prol da nossa segurança.

Nilson foi Fuzileiro Naval e durante este período também se distanciou, depois foi empresário, estampava camisas para vender, depois abriu uma empresa de informática, foi Segurança Federal e agora é advogado e estuda para ser procurador. Conheço-o bem a ponto de afirmar que ele será.

Marcelo Jean, se formou em informática, mas não seguiu esta carreira, foi contratado por um banco onde seguiu carreira, hoje estuda para ser biólogo, que sempre desejou ser e faz um trabalho de apoio no zoológico do Rio de Janeiro.

Licínio estudou química no ITU e depois na Universidade Federal Rural, é bioquímico na Fio-Cruz e professor universitário, quando nos conhecemos, já traçava seu caminho profissional nesta direção.

Vítor estudou química no ITU é engenheiro químico, hoje vive no Sul do Brasil.

PC desejava ser jornalista, mas não seguiu a carreira, foi cursar Geografia na Universidade Federal Fluminense. Hoje é geólogo no Instituto de Estadual do Ambiente no interior de São Paulo, é músico da banda Perdidos na Selva e recentemente reuniram o Unabomber, banda de Rock dos anos noventa.

Meu caminho profissional foi bem diferente do que pensava quando criança. Sonhava em ser motorista de ônibus de viagens, mas fui estudar eletrotécnica, fiz eletrônica e telecomunicações. Fiz faculdade de Gestão Empresarial. Fui eletricista predial, industrial, técnico em Telecomunicações. Hoje sou especialista em Tecnologia da Informação e Telecomunicações e Analista de Negócios numa grande empresa de Tecnologia.

Além de nossas profissões vieram as famílias, esposa, filhos. Com atividades tão distintas e muitos compromissos, mais responsabilidades, acabamos nos distanciando.

A despedida.

Recebi um convite para trabalhar em uma empresa de tecnologia em Salvador, Bahia. Já tinha vontade sair do Rio de Janeiro, a violência estava numa escalada crescente e a proposta apresentada era irrecusável.

Chamei meus amigos para contar a notícia. Eles ficaram felizes pelo lado profissional, mas tristes com a distância que haveria. Me despedi do Rio de Janeiro, de meus pais, irmãos e de meus amigos do thefukkers.

Durante muitos anos fiquei sem contato com os amigos. A distância dificultou a comunicação, mas a tecnologia permitiu nos reunirmos novamente, Orkut, Facebook, Skype e WhatsApp fizeram este papel. Apesar de não nos vermos fisicamente, usamos estes meios para manter o contato. A amizade permanece, ela não tem fronteiras, distância, é sentimento dentro de nós e não morre.

Eu conto aos meus filhos e colegas a nossa união, parceria, cumplicidade, as partes boas e ruins, as besteiras que fizemos, as aventuras, as competições de inteligência, as magias, a dor da morte de um amigo e o sentimento de saudade, mostro a importância de uma amizade. Talvez meus amigos também contem esta história para seus filhos, talvez contem as suas histórias de amizade para seus filhos.

Agradecimentos

Você que leu esta história, que riu e se emocionou, até você que achou que esta história é apenas mais uma entre tantas. Ela realmente é uma entre tantas, mas é a minha história.

São as lembranças de minha juventude. Muitas das longas conversas, dos debates, das críticas e do apoio nas horas difíceis moldaram meu caráter e ajudaram a ser quem sou hoje.

Zé (in memoriam), Marcelo, Nilson, Charles, Licínio, Vítor, PC, Mônica, Caveira, Jean, Sheila, Julio César, Alex Feijão, Nero, Clenilson, Sandra, Erasmo, Iolanda, Verônica, e todos que fizeram parte direta ou indiretamente deste círculo de amizade.

Muito obrigado, por tudo.